

O SENTIDO DA SOCIOLOGIA: uma breve abordagem sobre a perspectiva sociológica

Maria Thereza Rosa Ribeiro¹

RESUMO: O texto apresenta uma apreciação da *perspectiva relacional* utilizada na construção do conhecimento sociológica, reconhecidamente atribuída ao pensamento dos autores Norbert Elias, C. Wright Mills e Pierre Bourdieu. A importância da sociologia na obra destes autores se revela no tributo metodológico, temático e conceitual que oferece a possibilidade de uma leitura da vida social nos seus diversos aspectos (políticos, comportamento, econômicos, sociais, históricos, simbólicos etc) constitutivos da realidade social.

PALAVRAS-CHAVE: perspectiva sociológica micro e macrosociológica; indivíduo/ agente e sociedade; processo social; civilização; imaginação sociológica; *habitus*; “campo”; ação; luta pelo poder.

Introdução

Neste texto, procura-se reconstituir a edificação conceitual acerca do objeto da sociologia presente nos aportes teóricos desenvolvidos por Norbert Elias, C. Wright Mills e Pierre Bourdieu, os quais sugerem romper os limites, tradicionalmente estabelecidos nas ciências sociais, entre as explicações analíticas micro e macrosociológicas no estudo da sociedade. Entende-se que os autores mencionados contribuíram à compreensão da contextura da variedade e das variações das relações humanas através da elaboração de uma perspectiva relacional analítica que combina as dimensões explicativas do estudo de situações de pequena

¹ Professora do Departamento de Sociologia e Política - Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Departamento de Sociologia - FFLCH, Universidade de São Paulo.

escala com o estudo no âmbito mais global, na relação indivíduo e sociedade.

Trata-se, na sequência deste texto, de explicar os pontos de vistas temáticos e conceituais de Elias, Mills e Bourdieu referentes àquela dimensão sociológica que atenua as fronteiras entre as perspectivas do estudo de grupos particulares e do estudo no âmbito mais global. Com isso, pretende-se tomar conhecimento do sentido sociológico presente numa outra perspectiva possível à compreensão da sociedade sob os aspectos múltiplos que permeiam suas relações.

A Perspectiva relacional do ponto de vista de Elias, Wright Mills e Bourdieu

Num ensaio famoso intitulado *A sociedade dos indivíduos* (1939), o sociólogo alemão Norbert Elias aborda sobre os desafios que se apresentam a quem se expõe a vereda da construção do conhecimento. Um mesmo objeto reclama, para que não se prejudique sua riqueza de significações e possibilidades, que o pesquisador o investigue em níveis vários e em ângulos diversos. Elias evoca uma imagem bastante sugestiva para aclarar seu pensamento: a do pedestre e do aviador. Observa que a cidade, por exemplo, era um amplo e complexo objeto de conhecimento, uma vez percebida mediante diferentes pontos de vista dos aspectos da vida social compreendidos numa “longa extensão” e “dentro do fluxo”. A visão do pedestre descortina algumas de suas características mais interessantes: ele experimenta ao andar na rua o contato com outras pessoas, percebe as variações entre os tipos de pessoas, verifica os ruídos, a poluição, o movimento de carros, a concentração de casas e comércio, a mudança das estações climáticas através da temperatura e da vegetação etc. O aviador, ao vê-la do alto, da cabine do seu avião, tem a possibilidade de apreciar uma área bem mais extensa, enxerga melhor os traçados das ruas, o contorno dos edifícios e casas, os automóveis e pessoas transfigurados na forma de miniaturas, as áreas verdes, os limites impostos pela ocupação do solo e o recorte dos córregos e rios. Em ambas as percepções, metaforicamente representadas, existem possibilidades de construção de conhecimento, embora cada uma destas perspectivas - a do pedestre e a do aviador - tomadas isoladamente, componham um quadro insuficiente

e distorcido da realidade. Destas duas observações unilaterais se torna difícil uma comparação de suas formas de “compreensão e descrição”, pois somente em combinação “elas proporcionam um panorama mais equilibrado” do objeto do conhecimento (Elias, 1994, p.46; p.86).

Elias confia na unidade das perspectivas *macro* e *microsociológicas* a garantia de um quadro mais revelador e apropriado para a compreensão do “processo civilizador”, no qual o autor evidenciou “a que ponto a modelagem geral, e portanto a formação individual de cada pessoa, depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura da relações humanas” (Elias, 1994, p.28). O entendimento de civilização está, segundo Elias, atrelado ao sentido diferencial das mudanças nas relações humanas, que emergiram “dentro do fluxo” de interação dos indivíduos, visto ao longo do curso da história. Corresponde, portanto, ao processo de mudança do indivíduo na sociedade, à medida que ele incorpora a divisão de funções, os novos estilos de “etiqueta” e comportamentos, as novas práticas econômicas, no seu conjunto resultantes “de uma desarticulação de velhos grupos ou de uma mudança na posição social” dos indivíduos (Elias, 1994, p.29).

Por sua vez C. Wright Mills, sociólogo americano - no livro *A imaginação sociológica* (1959) - resgata o significado das ciências sociais, conforme a *sensibilidade* adotada pelos analistas clássicos (Comte, Durkheim, Marx, Weber, Spencer, Simmel etc) para examinar os problemas específicos de seu período e para formular as questões concernentes à reestruturação da relações humanas na sociedade moderna. Mills atribui ao sentido das ciências sociais a “tarefa cultural” de esclarecer aos homens de nossa época, a existência de uma tendência geral nos indivíduos de encarar os problemas sociais vividos no seu cotidiano, desconectados de sua relação com os assuntos públicos da sociedade. Na sociedade contemporânea, segundo o autor, um padrão de comportamento domina os sentimentos dos indivíduos que se encontram confinados no cenário imediato de sua vida privada - “o emprego, a família, os vizinhos” - levando-os a se perceber como “estranhos” e “espectadores” em outros ambientes da vida social (Mills, 1975, p.9). Os indivíduos estão submersos no sistema social cuja organização, alimentada por um conjunto de normas técnicas e burocráticas, inibe a expressão humana consoante à emergência de uma “razão substantiva” (Mills, 1975, p.183; p.190) inerente à tomada de decisão e um posicionamento crítico frente ao

mundo. A compreensão do “homem comum” foge da possibilidade de passar da dimensão de sua vida particular para a dimensão do desenvolvimento histórico da sociedade (Mills, 1975, p.10), pois a normatização das relações humanas o circunscreve ao seu destino social, incapacitando-o para distinguir sua posição social diante de um mundo em transformação.

Em resposta a este estado de “encurralamento” e de acomodação no qual os indivíduos se encontram assujeitados ao sistema, o autor aponta na direção do resgate daquela *sensibilidade* norteadora da análise social clássica, que permitiu instigar a tarefa da “imaginação sociológica” como “a qualidade que parece prometer mais dramaticamente um entendimento das realidades íntimas de nós mesmos, em ligação com realidades sociais mais amplas” (Mills, 1975, p.22). Ele salienta o uso da imaginação dentro de uma perspectiva *relacional* a qual tece a unidade das “modificações dos ambientes de pequena escala” com a unidade das mudanças na estrutura social, engendrando os elos entre a “biografia” do indivíduo e a “história” da sociedade. A imaginação sociológica valoriza a inclinação dos cientistas sociais a empreender um estilo científico de pensamento dimensionado pela “variedade contemporânea de sensibilidades culturais” (Mills, 1975, p.22), constante na literatura, nas artes, na história social, na antropologia etc. O que possibilita, nos dias de hoje, ampliar o campo de problematização da ciência e tecnologia, das políticas internacionais e públicas, do desemprego e pobreza, direitos sociais e cidadania etc., como assuntos de significativa relevância para área social e humana. A imaginação avalia a experiência dos indivíduos localizada dentro do seu período e verifica o impacto, neste ambiente particular, do compromisso das políticas tecno-burocráticas dos Estados-nações com os interesses de grupos econômicos privados nacionais e internacionais. Tal perspectiva admite a análise das diferenças entre a sociedade atual e a passada, tornando os indivíduos cômicos dos “tipos de ser em que estão se transformando e para o tipo de evolução histórica de que podem participar” (Mills, 1975, p. 10).

Pierre Bourdieu (1989; 1990) - nas obras *O poder simbólico* e *Coisas ditas* - concebe a sociologia numa perspectiva *relacional* que trata da articulação do agente e da estrutura social ou seja da relação entre o ator social e a estrutura, entre o agente e a história. Na construção sociológica da realidade, Bourdieu elege esta relação como problema a

resolver mediante “a prática” que visa superar tanto o objetivismo sociológico de cunho durkheimiano e estruturalista - no qual o ponto de partida para a explicação são as relações objetivas - como também a fenomenologia, que parte da vivência individual (Bourdieu, 1989, p.61). O autor introduz a noção chave *habitus* na teoria da ação, atribuindo-lhe a possibilidade de mediatizar a relação ator social e estrutura. Ele entende o conceito de “habitus” como as “disposições duráveis” - normas e valores - interiorizadas desde a infância, que produzem as práticas e orientam a ação dos indivíduos. “Habitus” corresponde ao mundo social e a história incorporados pelo sujeito como “natureza”, um conhecimento adquirido que se inscreve no corpo do sujeito. As práticas são, portanto, produto da relação dialética entre “habitus” e um contexto, pois só é possível entender a “ação” em um espaço social delimitado - em um “campo” - onde as posições dos agentes encontram-se de antemão fixadas (Bourdieu, 1990, p.158-9). O autor retoma, porém, para não incidir numa visão reprodutiva da ação, o “primado da razão prática” (Bourdieu, 1989, p.61) que indica a existência de um agente ativo dotado de um conhecimento prático, sugerido por Karl Marx nas *Teses sobre Feuerbach*, sobretudo na segunda tese que diz:

o problema de se ao pensamento humano corresponde uma verdade objetiva não é um problema da teoria, e sim um problema *prático*. É na prática que o homem tem que demonstrar a verdade, isto é, a realidade, e a força, o caráter terreno de seu pensamento. O debate sobre a realidade ou a irrealidade de um pensamento isolado da prática é um problema puramente *escolástico* (Marx, 1977, p.118).

Na teoria da ação proposta por Bourdieu, as ações sociais se organizam como “estratégias” que, sem serem produto de uma intenção estratégica (consciente e subjetiva), são conciliáveis com as condições objetivas, pois elas resultam de um “senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando das atividades sociais ...” (Bourdieu, 1990, p.81). No espaço social, as condutas dos agentes são regradas, observa o sociólogo, mediante “o reconhecimento das regularidades objetivas” experimentadas “por todos aqueles que entram no jogo” (ibidem, p79),

sem serem o produto da obediência a regras ou de um cálculo racional.

Diante de tais formulações, Bourdieu compatibiliza a teoria da ação com a compreensão de que o mundo social é um “espaço multidimensional de posições” dentro do qual os grupos e as classes se definem de acordo com a posse de algum “capital simbólico”. O “social” é formado pela composição de diversos “campos” e “subcampos”, onde os agentes munidos de um “capital” (político, econômico, cultural, social, simbólico etc) entram em luta num jogo concorrencial, movidos a fazer valer suas percepções de mundo. A noção de “campo” como lugar da “luta de classificações” e de disputas de *falas* é trabalhada por Bourdieu tendo em vista os interesses dos agentes atuantes no campo, as lutas desenvolvidas, as estratégias úteis para impor a visão legítima da realidade, as relações de força em jogo, enfim uma série de variáveis que concorrem para o entendimento dos seus sentidos. O “campo” é, portanto, uma espaço social determinado, construído na luta, resistência e reciprocidade estimulada pelos agentes específicos que agem no “campo” por meio das regras do jogo estabelecidas. Isto posto, para Bourdieu, a sociologia se apresenta como ciência que desvenda os mecanismos da luta das “classificações e di-visões” constantes na atuação dos agentes que buscam legitimar suas visões de mundo social nos diversos campos e subcampos relacionados entre si.

Conclusão

O significado da sociologia construído por Elias, Whight Mills e Bourdieu, evoca-nos a perceber, a despeito das diferentes construções conceituais do *social* e especificidades metodológicas, a tentativa de ruptura com a perspectiva dualista de análise da sociedade que contrasta: subjetividade / objetividade; indivíduo / sociedade; consciência / inconsciência; atitudes / posição; biografia / história etc.. Estes autores demonstram que a dimensão *relacional* compreende o homem não como um fragmento isolado, não como um sistema inteligível em si mesmo nem a sociedade é vista como uma totalidade explicativa das ações humanas, gerada por um espírito universal. O sentido da sociologia está para descobrir os mecanismos das relações de poder em jogo na sociedade, por isso o estudo sociológico se depara com as tensões e os problemas sociais emergentes num espaço construído pelos confrontos de interesses e pelas

reciprocidades entre os agentes. Na nossa atualidade, conclui-se que uma das tarefas da sociologia consiste em problematizar a legitimidade da representação do poder figurado burocrático, técnico e institucional, cuja ingerência desmobiliza politicamente os grupos sociais e os agentes ao negar-lhes a premissa da luta pelo poder por meio do conhecimento, pelo poder econômico, político, simbólico etc.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa/Difel; Rio de Janeiro/Ed. Bertrand Brasil S.A., 1989.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
- MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: *Karl Marx e Friedrich Engels*. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1977. (Edições Sociais)
- ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. In: Ortiz, R. (org.) *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.
- WAIZBORT, Leopoldo (org.). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo, Edusp, 1999.
- WHIGHT MILLS, C. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1975.

